A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Correu triste a semana.

Anda pelo ar um sopro lethal, que arremessa á cova homens conhecidos e illustres. Paira nos nossos horisontes um cyclone devastador e nefasto, que aniquila existencias preciosas.

Todos os dias veem noticiar-nos, pela manhã ou á noite, o passamento repentino d'um amigo a quem estenderamos a mão na vespera.

Morre-se por ahi a cada instante, sem o apparato de doenças longas e dolorosas, quando ainda se não está cansado da vida e aborrecido do trabalho. Deixa-se d'existir em plena força do talento, aureolado pelas brilhantes scintillações d'um espirito superior e luminoso.

Ha quem seja de mais cá n'este mundo. Esses ficam; percorrem a estrada toda até ao fim, e só desapparecem do palco terrestre, quando não teem mais um passo para dar, mais um affecto para sentir.

Os que devem ficar, vão-se; aquelles que não cumpriram completamente a sua missão, caem fulminados.

Entre a pleiade de homens illustres que se finaram durante o decorrer da semana, figura o ministro de Hespanha n'esta côrte, D. Saturnino Alvarez Bugallal.

Fallaramos-lhe havia poucos dias. Tinha um olhar scintillante e meigo, cheio de vida e de bondade. A sua palavra facil e eloquente, como a de Nuñez d'Arce e de Moret, captivava. A gentileza das suas maneiras fidalgas, prendia. Grande pelo talento e pela posição, fazia-se pequeno pela modestia junto dos que não podiam egualal-o em posição e talento.

Vivendo entre nós ha pouco mais d'um anno, parecia ter entre nós nascido. As sympathias e o affecto que muitos outros não conquistam n'uma existencia inteira, conquistara-os o nobre diplomata em poucos mezes, pela affabilidade extrema do seu trato, pela honradez immaculada do seu caracter.

D. Saturnino Bugallal cahiu prostrado por uma congestão cerebral, no momento em que escrevia uma carta para Hespanha, aconselhando os homens politicos do seu paiz a que trocassem as

QUINTA DOS DUQUES DE PALMELLA, NO LUMIAR

luctas e animosidades constantes, por uma paz e concordia beneficas. Foi esta a ultima prova do seu alto bom senso, o derradeiro testemunho do profundo amor que votava á sua patria.

Era d'um punhado de homens d'esta tempera que a irrequieta nação visinha precisava, e são exactamente os que a morte lhe rouba, despiedosa e cruel, levando-lhe com elles para o tumulo o conselho salutar e prudente, a palavra persuasiva e authorisada, as intelligencias prestimosas e robustas.

*

Não cabe nos estreitissimos limites d'esta chronica ligeira uma noticia biographica circumstanciada ácerca do notavel diplomata cuja perda a Hespanha hoje prantêa comnosco. Apenas diremos que D. Saturnino Bugallal era um conservador *vieille roche*, um defensor estrenuo da monarchia de D. Affonso XII e um amigo intimo de Canovas del Castillo, que, pouco depois do seu passamento, honrava a viuva do illustre embaixador com estas phrases sentidas: «Ninguem mais, além da familia do finado, pode compartilhar tão profundamente como eu, a justa magoa que n'estes momentos lhe dilacera a alma.»

*

Como ministro da justiça, que foi por varias vezes, o sr. Bugallal deixou gravado, nos annaes da politica do seu paiz, um nome glorioso e immorredouro. Como orador, fallam d'elle dezenas de discursos notabilissimos pronunciados na Academia de Jurisprudencia de Madrid e no parlamento hespanhol, onde entrou aos 25 annos, conquistando logo ao primeiro *abord* as suas esporas de oiro. Como jornalista, a reputação de D. Saturnino Bugallal ficou firmada nas columnas respeitaveis de *La Epoca*, o primeiro jornal da peninsula. Como homem politico, teve sempre por norma de vida uma lealdade inquebrantavel e sem mancha, de que nem todos os seus collegas de Hespanha podem fazer alarde, no meio das evoluções constantes que ali se operam.

*

O corpo do fallecido foi transportado pelo caminho de ferro, para Ponteareas, onde tem o seu jazigo de familia.

Antes d'isso, a guarnição de Lisboa prestou-lhe as honras funebres na passagem para o tumulo onde vae esconder-se.

Leão XIII enviou-lhe a benção apostolica *in extremis*.

A diplomacia desfolhou-lhe flores sobre o athaude.

A realeza fez-se representar nos seus funeraes.

Não lhe faltaram, depois de morto, honrarias e testemunhos d'alto apreço, como em vida lhe não escassearam nunca as admirações e os affectos a que tinha incontestavel direito.

*

Uma nota do seu enterro. Quando o prestito caminhava lentamente Chiado abaixo, ao som das marchas funebres, e a multidão se descobria com respeito na sua passagem vagarosa, um patife qualquer tocava realejo junto do largo do Loreto, fitando as janellas e moendo trechos da *Mascotte*, no mais imbecil e revoltante dos indifferentismos.

Abeirámo-nes do tocador cynico. Para honra nossa, podemos affirmar que não era portuguez. Era... hespanhol!

Foi talvez esse o unico, em Portugal, que não pranteou a morte de Bugallal.

=Basta de coisas tristes. Deixemos que o cemiterio, abutre insaciavel, vá engulindo, pouco a pouco, existencias preciosissimas, e convençamo-nos de que a vida é «ai que mal soa», chimera gentil que se esvaece n'um instante.

E' melhor fallar-te d'assumptos alegres, das esgrimistas viennenses, por exemplo.

Queres? Pois fallar-te-hei d'ellas.

Disse para ahi uma folha *blagueuse* que eu me tinha batido ou ia bater-me com as intrepidas heroinas do florete. E' mentira, juro-t'o. Vi-as apenas, mas nem as formosas austriacas me *tocaram*, nem eu me deixei ou deixarei *tocar* ao de leve pelos seus estyletes de rija tempera.

Diabolicas e terriveis, as taes donzellas viennenses! Se por cá houvesse muito d'aquillo, o numero dos celibatarios cresceria espantosamente, e as traiçõesinhas conjugaes, de marido para mulher, haviam de ser castigadas com aspereza no proprio lar domestico, sem o auxilo da policia e do codigo.

Que olho, que pulsos, que musculos e que fintas!

São oito as esgrimistas de Vienna: oito ellas, capitaneadas por um elle musculoso e rude, que as educou, a todas, no exercicio das armas brancas. O patife não se deu ao trabalho d'ensinar barbados; provavelmente bateu-se com algum que o sovou, e quiz vingar-se do adversario, preparando-lhe esposa futura que o zurzisse de portas a dentro. E' commodo o desforço, e sobre tudo original.

*

Não levarei a minha admiração pelas nossas hospedas até ao ponto de te jurar que ellas sejam supinamente formosas, como lhes chamou o *Figaro*, e que descendam d'illustres familias, como affirma o seu professor de estocadas a fundo. Nem para se esgrimir com denodo e arte é preciso ser bonito. Feio e forte são, a nosso ver, os requisitos necessarios. A maior parte d'ellas satisfazem aos dois. Só tres é que alliam á força muscular a gentileza do palmo da cara; tres só. As restantes, além de feias são mal feitas e desgraciosas. Como mulheres, não seduzem; como esgrimistas causaram-nos verdadeiro assombro, executando um numero infinito de jogos d'armas interessantissimos e variados.

A sessão em que as vimos começou pelos cumprimentos do estylo, seguindo-se-lhes um *mur* admiravel de correcção e *d'ensemble*; varios assaltos e entre elles o napolitano, a florete e adaga, feito com muita destreza; a lição dada simultaneamente a duas discipulas, pelo professor Hartl, atacando este, parando e respondendo com ambas as mãos ao mesmo tempo, e por ultimo a disputa da *poule* e as saudações finaes.

As notaveis esgrimistas—porque o são devéras—cobrem-se com arte, dão estocadas soberbas e caem elegantemente a fundo.

Quatro d'ellas apresentam-se vestidas de *maillot crême* e as outras quatro de *maillot grenat*, com saias das mesmas côres descendo até ao joelho. O corpete de lã, da côr da saia, completa-se por um *plastron* de pelle amarella *capitonné*, apertado nas costas por meio de correias de coiro.

Trazem sapatos de polimento, de tacão alto, caraças de cobre, e usam floretes muito leves, guarnecidos d'uma *coquille*, como as espadas de combate.

Tal se nos apresenta o batalhão do professor Hartl, nos seus trajes castissimos e pudibundos, desafiando a mais bella metade do genero humano a aprender esgrima, para dar cabo da outra metade.

Pegará entre nós a moda do florete, depois d'esta exhibição extraordinaria? Talvez não. Por cá prefere-se a navalha.

=Já agora não te fallo do Hermann, que esmoreceu com a solidão de S. Carlos e foi para o Porto escamotear o partido novo do sr. Corrêa de Barros; não te conto as desventuras do funambulesco Paulus e as pantomimices do seu emprezario Schurmann; não te faço o retrato do tenor Cappelletti; não te dou noticias do boi saltador, e dos *Huguenotes* do Colyseu, nem te digo como se fez a paz entre a rainha Victoria e o czar Alexandre, porque não tenho espaço.

Francamente, sentia-me hoje com disposição para cavaquear muito comtigo, e para te dar, d'envolta com todas estas noticias, a boa nova d'um casamento principesco que acaba de realisar-se, illuminado pelos sorrisos da primavera—o da gentilissima filha dos srs. condes de Azambuja com o conde Henrique Ziléri dal Verme.

Mas é forçoso ficar por aqui, aspirando de longe os aromas que se exalam da *corbeille* nupcial, e disendo á formosa noiva, como alguem lhe disse gentilmente no dia das nupcias:—*Adieu Marie Au revoir comtesse!*

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

XIX

São devéras deliciosos os capitulos que o sr. Gomes de Amorim consagra á vida intima de Garrett, e ás suas ultimas composições litterarias. Seguimos com immenso interesse as narrativas em que o sr. Gomes de Amorim appella para a sua memoria, e nos conta o que passou muitas vezes com o seu sublime biographado.

O sr. Gomes de Amorim desfaz em duas palavras a lenda que corria ácerca da primeira edição das *Folhas caidas*. Contava-se que o marido da desconhecida divindade, a quem Garrett consagrara o seu ultimo amor e os seus ultimos versos, fizera desapparecer a edição, para que desapparecesse tambem aquelle documento da sua infelicidade conjugal. Era absurda a lenda, mas teve fóros de authentica, a ponto de Innocencio a dar como certa no seu *Diccionario Bibliographico*. Era absurda, porque evidentissimamente o author, logo que lhe dissessem que a 1.ª edição desapparecera, publicava segunda. A primeira edição desappareceu effectivamente em poucos dias, mas quem a devorou foi o publico.

Ha uma carta de Garrett ao sr. Gomes de Amorim que prova exuberantemente a inverosimilhança da lenda. Não a citamos, porque d'ella se deduzem tão claramente as relações cordiaes em que estava Garrett com o marido da sua amada, que bem se conhece a impossibilidade de ser n'essa occasião o marido tão sabedor do facto, que até quizesse sumir o documento sublime d'esses criminosos amores.

Disse no artigo anterior que, nas *Folhas caidas*, Garrett descrevera tão perfeitamente o sitio que foi o principal theatro da sua felicidade, que não era necessario cicerone para o reconhecermos. Não foi bem em Cascaes, como o poeta declara para salvar as apparencias, foi no Estoril, na parte da serra hoje comprehendida na propriedade do sr. José Vianna. Oiçam a descripção:

Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta, arida serra

Por entre os negros penedos;
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
Da selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Secco o rio, secca a fonte,
Hervas e mattos queimados,
Ahi n'essa bruta serra
Ahi foi um ceu na terra.

Lá estão ainda «os juncos mal medrados,» que o vento do mar acama pelas tardes de invernia, chorando as elegias de amor e de saudade, que ouvio ao maior poeta portuguez do nosso seculo. Dormem já o somno eterno a musa e o poeta, desfez-se com o tempo o que havia de impuro e de criminoso n'aquelles amores, e só ficaram estes echos immortaes que se hão de repercutir infinitamente no coração de todas as gerações que amarem e padecerem na terra.

Conta o sr. Gomes de Amorim que Herculano, entrando uma vez na livraria Bertrand, viu em cima do balcão umas provas. Reparou que eram versos, olhou para elles com desdem, mas sempre foi lendo uns trechos. D'ahi a instantes bradava:

—Quem diabo fez isto? Não ha senão um homem em Portugal capaz de escrever versos d'esta ordem. Isto é do Garrett.

—D'elle mesmo, respondeu-lhe aquelle suave e placido Bertrand, que nós conhecemos ainda, verdadeira reliquia do seculo XVIII, livreiro erudito e classico, que teimou em conservar até á morte a sua velha loja escura, hoje substituida por uma livraria elegante, cheia de livros francezes, que raras vezes entravam nas estantes d'aquelle vernaculo estabelecimento.

Falla tambem da *Helena* com grande admiração o sr. Gomes de Amorim, e, como cita o *Diccionario Popular* que o author d'estas linhas tem a honra de dirigir, o que o sr. Gomes de Amorim ignorava, sempre faremos uma observação. Effectivamente Cassiano Espiridião de Mello e Mattos foi um magistrado brazileiro, e é impossivel que só o acaso levasse Garrett a dar o nome de Spiridião Cássiano de Mello e Mattos a um personagem burlesco do seu romance «Helena.» Evidentemente Garrett leu em qualquer noticia de jornal aquelle nome bastante comico, achou-o de boa preza e aproveitou-o na primeira occasião favoravel que lhe appareceu.

E comtudo, praticava inconscientemente uma crueldade! Com esta indifferença suprema de genio nem tratou de indagar se ia ferir profundamente com o punhal do ridiculo um coração honesto e uma alma integerrima.

O nome era um achado. Expropriou-o por utilidade litteraria. Disse que provavelmente Garrett lera o nome no noticiario de algum jornal. Parece-me mais provavel que Garrett conservasse esse nome entre as recordações da sua mocidade. Cassiano Espiridião de Mello e Mattos fôra contemporaneo de Garrett em Coimbra: não seu collega, porque fazia parte de um curso mais adiantado, tanto que se formou em 1819, dois annos antes de Garrett, mas seu contemporaneo de certo. O nome estrambotico devia ter impressionado o espirito juvenil e folgazão de Garrett, que o guardou n'um escaninho da sua memoria, d'onde o tirou na occasião propria; é possivel tambem que Cassiano Espiridião, natural da Bahia, tivesse a pronuncia accentuadamente brazileira, e que Garrett escrevendo sonicamente Spiridião Cássiano di Mello i Mattoss tivesse no ouvido o echo burlesco d'esse nome pronunciado pelo proprietario em Coimbra, em alguma occasião em que fosse obrigado a formulal-o, e em que de certo seria acolhido por uma gargalhada homerica d'aquella implacavel rapaziada.

Pois querem saber quem era este Mello e Mattos, que Garrett expunha cruelmente á irrisão e á troça do seu immenso publico? Oiçam um relanço da sua biographia.

«Mello e Mattos foi um dos raros brazileiros que protestaram contra a proclamação da independencia do seu paiz, e, se os biographos brazileiros notam este ponto como uma nodoa na carreira brilhante do illustre magistrado, não temos nós a coragem de fazer o mesmo, e como portuguez applaudimos o homem illustre que teve a coragem de affrontar a impopularidade inevitavel para dar á mãe patria um testemunho de reconhecimento, não querendo partir tão cedo os laços que uniam os dois paizes irmãos.»

Não lhe pagava bem o primeiro escriptor portuguez d'este seculo ridiculisando-o e amarrando-o ao pelourinho immortal que o seu genio levantava. E' claro que o grande poeta, se soubesse o que fazia, se daria pressa a sacrificar todos os effeitos comicos que d'esse nome esperava, ao cumprimento do que era um verdadeiro dever.

Felizmente a *Helena* ficou entre os manuscriptos do poeta, quando este morreu em 1854, e só ha pouco tempo os fragmentos d'esse romance viram a luz publica entre as obras posthumas de Garrett. Se assim não fosse, o pobre desembargador brazileiro receberia em pleno peito a punhalada. Effectivamente, Mello e Mattos sobreviveu quasi tres annos a Garrett, porque morreu a 5 de julho de 1857.

Se a *Helena* se publicasse antes da morte do poeta, como os brazileiros se ririam com vontade do seu compatriota que tudo sacrificára a Portugal, e que de Portugal recebia em pagamento o escarneo e a zombaria. Como elle se maguaria profundamente, elle, que era de certo um admirador do grande poeta, elle que de certo se ufanava de ter sido em Coimbra contemporaneo do auctor de *D. Branca*, elle que provavelmente corria a ler com enthusiasmo os livros de Garrett, logo que elles chegavam ao Brazil, quando, ao abrir a *Helena*, se lhe deparasse o seu nome exposto ás vaias do ridiculo! Assim, a unica recordação que o pobre estudante brazileiro deixára no espirito do seu glorioso contemporaneo fôra a do seu nome burlesco. Os sacrificios que elle fizera por Portugal eram em Portugal desconhecidos, e o seu nome na mãe patria não tinha echos de applauso, tinha echos de gargalhada! E' realmente doloroso.

Eu, na minha esphera humilde, accuso-me de ter perpetrado um crime semelhante. Felizmente foi n'um romancito de principiante que saiu na *Gazeta de Portugal*, e que não teve outros leitores senão o revisor da folha. Ouvira pronunciar uma vez o nome de Adjuto José da Conceição, e achei-o tão bom, que fui condecorar com elle o protogonista burlesco do meu *Quarto melodrama*. E era talvez um honrado pae de familia, que tinha plenissimo direito de não ser ridiculisado por um creançola que fazia na litteratura as suas primeiras armas.

Assim somos todos porém, grandes e pequenos, todos os que lidamos com as letras. E' verdade que, se assim entregamos ao publico victimas innocentes, damos-lhe tambem palpitantes os segredos e as dores do nosso proprio coração.

....

Consta-me que o erudito jornalista do *Conimbricense* contrariou algumas affirmações historicas feitas por mim n'um dos artigos anteriores d'esta serie. Não tive occasião ainda de ver o numero do jornal que me fez a honra de se referir a mim, nem agora mesmo lhe responderia. Quando terminar este estudo consagrarei um ou mais artigos a replicar a essa e a outras refutações que por ventura appareçam.

PINHEIRO CHAGAS.

ESTRELLA CADENTE

Eu vi uma só vez o meu amor...
Tão perfeita era a sua gentileza,
Que não sei se a fecunda natureza
Terá creado assim egual primôr.

Bem senti nos seus olhos o ardor
De quem ergue no peito a realeza
D'esse affecto adoravel de belleza,
Delicioso, bom, fascinador.

Pobre estrella cadente fugitiva!
De relance passaste intensa, viva
atravéz o meu peito—um céu de luz.

Mas quando te sumiste—ó astro morto,—
meu coração chorou, como no horto
chorára outr'ora o pallido Jesus.

1884.

J. J. FORBES C[illegible].

AS NOSSAS GRAVURAS

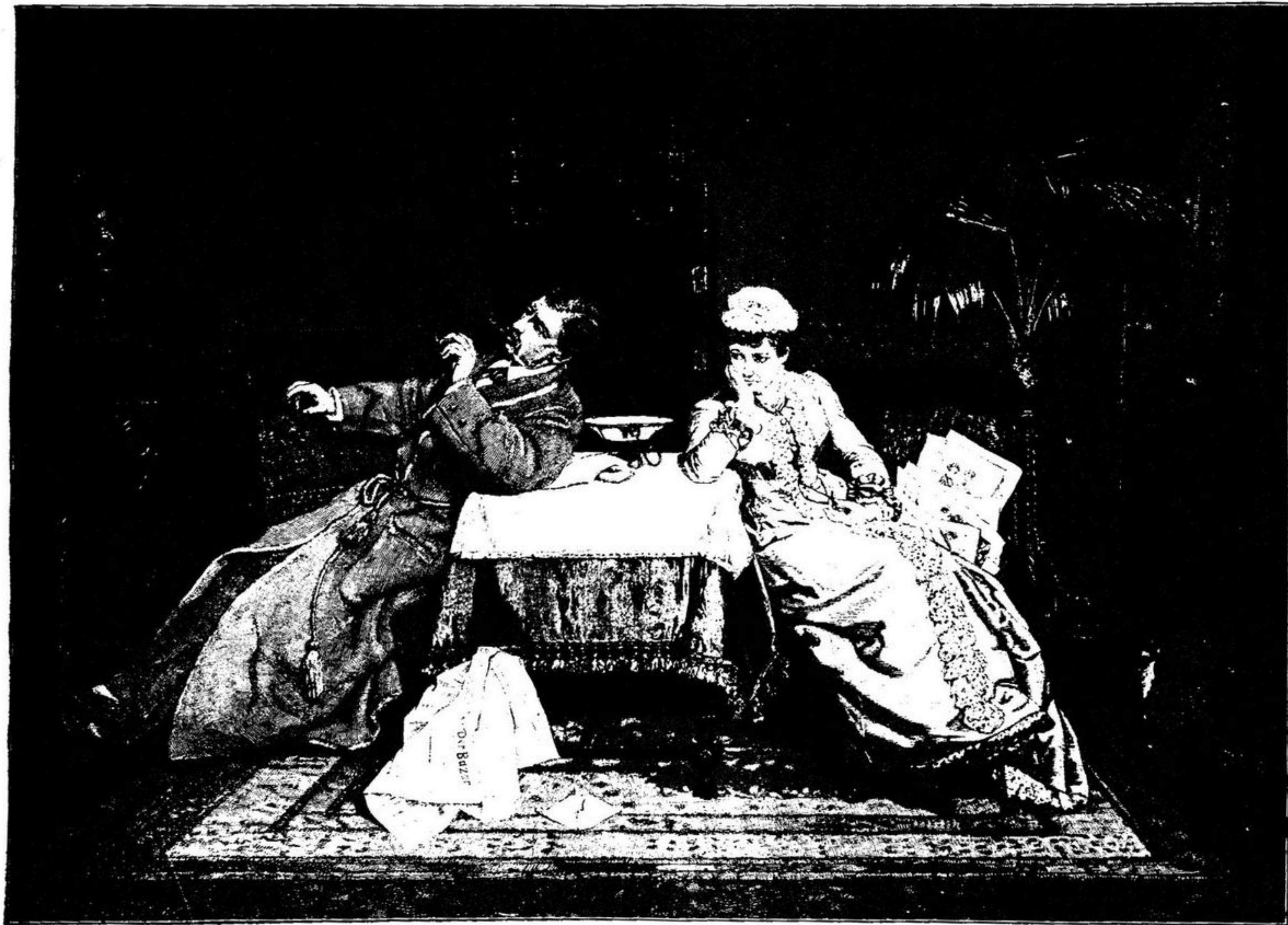
QUINTA DOS DUQUES DE PALMELLA, NO LUMIAR

O Lumiar é um logar de cento e trinta e tantos fogos e 500 habitantes; assenta n'uma planicie e dista 6 kilometros de Lisboa.

Tem muitas quintas aprazíveis, pomares, alamedas e jardins. A bondade do ar e das aguas fazem que muitas familias da capital o procurem de preferencia durante o estio. Entre as magnificas propriedades d'aquelle sitio, conta-se a que hoje damos á estampa, pertencente aos srs. duques de Palmella. Foi ali que sob a invocação de S. João Baptista fundou o bispo de Lisboa, D. Matheus, a egreja parochial, cujo padroado pertenceu em tempo ás freiras de Odivellas por doação de D. Thereza Martins, que o usufruiu por morte do marido, D. Affonso Sanches, filho bastardo d'el-rei D. Diniz.

O paço e quinta de D. Affonso constituem presentemente, com outras quintas que lhe estão annexas, a deliciosa vivenda dos duques de Palmella. Quando a casa dos marquezes de Angeja possuiu aquella propriedade, levantou o marquez D. Pedro de Noronha, no seculo passado, o palacio que hoje se encontra no

UM BEIJO, SE QUER PASSAR!

QUE VENTANIA!

ARRUFADOS

proprio terreno em que se erguia o antigo paço, embellezando a quinta com obras de arte, plantações de arvores e arbustos raros e exquisitos.

Quando ha 30 annos se extinguiu a casa de Angeja, venderam os herdeiros aquella propriedade ao 2.º duque de Palmella, que mandou fazer grandes obras, principalmente na quinta, que augmentou com differentes fazendas e palacio que lhe ficavam contiguos, pertencentes aos marquezes de Olhão e por estes vendidos ao conde da Povoa.

Desde então aquella propriedade transformou-se n'um verdadeiro oasis: vê-se ali de tudo, a mais rica escolha de plantas, tanques, estatuas e vasos de finissimos marmores, cascatas, lagos, repuxos, viveiros de aves, bosques, tapetes de verdura, ruas de camelias, jardins e por toda a parte sombra deliciosa, aroma embriagante, frescura e suavidade.

O palacio é grande e de architectura regular; interiormente está adornado com opulencia.

No meio do terraço levanta-se uma bonita casa de quatro frentes e que tem por corôa uma torre com relogio. Possue esta quinta a primeira *araucania* excelsa que veiu para Portugal, por avultado preço.

UM BEIJO, SE QUER PASSAR!

Não pode dizer-se que peça muito. Lá o escreveu João de Deus:

Um beijo na face...

E ella, a gentil camponeza, está meia resolvida a comprar, por um simples beijo sem malicia, o direito d'atravessar a estreita ponte.

Aquelle sorriso meigo é um symptoma evidente de que não repudia a condição imposta, e de que vae prestar a face rosada ao osculo exigido.

Depois, a mãe segreda-lhe que não é por mal, e a irmã parece dizer-lhe:

Que custa um beijo?
Não tenhas pejo.
vá!

ARRUFADOS

Acabaram de jantar os dois.

Ella está em plena lua de mel. Elle em quarto minguante.

A formosa mulhersinha pedira-lhe que não sahisse, que passasse a noite ao pé de si, em doce *tête à tête*, junto do fogão onde crepitava um fogo acariciador e meigo.

Promettera-lhe ternuras sem conto, um manancial de caricias affectuosas, de bichinhas-gatas adoraveis, e d'infantilidades piegas.

O monstro a nada se moveu. Tinha d'ir ao gremio, disse, e depois do gremio ao centro.

Como ella insistisse lacrimejante, o scelarado voltou-lhe as costas, e saboreia um *havano*, repotreado no amplo *fauteuil*.

Quando tiver acabado de fumar, deixal-a-ha sosinha em casa e irá... sabe Deus aonde!

E' por estas e outras que ha tantos primos felizes.

QUE VENTANIA!

A nortada impiedosa soltou-lhe as tranças, desmancha-lhe as pregas da *toilette* garrida, e, de quando em quando, levanta-lhe indiscretamente a saia clara, deixando ver o pésinho e... mais um pedacinho.

Ella finge arreliar-se com a indiscrição da ventania agreste, mas lá no intimo—vaidosa!—não desgosta de exhibir a gentileza do pé *mignon* e seus contornos.

Quando passa junto d'algum admirador entendido, até é capaz de pedir ao vento que sopre com mais força.

As mulheres!

UM HORROR!

Um horror de saias e touca, o perfeito ideal da feialdade.

O artista que creou aquelle monstro escaveirado e horrendo, ou tinha um fraco decidido pelas velhas, ou amara em tempos aquella centopeia macrobia e quiz prestar-lhe a ultima homenagem affectuosa, reproduzindo a sua vera efigie na tela, de camaradagem com o bichano.

Emfim, os gostos não se discutem: se todos morressem d'amores pelo côr de rosa, o que seria do amarello!

Mas verdade, verdade, é um horror!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos ex.mos collaboradores a fineza de fazerem acompanhar as suas charadas e logogriphos, não só das respectivas decifrações, mas tambem das diversas combinações de syllabas e lettras.

Sem isto, não as publicaremos.

*

O conto *Abandonada*, do nosso ultimo numero, trouxe, por engano, a assignatura de Alberto Osorio da Costa, quando o seu author é o sr. Alberto Osorio de Castro.

Pedimos a este cavalheiro que nos desculpe o erro, e ahi deixamos feita a rectificação.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

TRINDADE.—Porto.—Entre os nomes de homens do seu logogripho, ha alguns que desconhecemos. Esclareça-nos, por favor, e mande a decifração do outro passatempo novissimo.

NINA.—Opportunamente responderemos á primeira parte da sua carta.

Quanto á paizagem em brinde, tel-a-ha no proximo numero. Pede com tanta gentileza!...

UM ASSIGNANTE.—Emquanto não augmentarmos o formato d'este semanario, não poderá haver espaço para publicar os nomes dos decifradores, cujo numero é sempre avultado.

Ajude-nos o favor publico, e talvez possamos acquiescer ao seu desejo, que é tambem o nosso.

Antes de se formular uma exigencia, deve attender-se ao preço diminutissimo da *Illustração*.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Eh! mulher! Oh! mulher! Venha cá, mulher!—2—2.

J. A. DE CASTRO.

Faz milagres esta mulher n'esta ilha—2—3.

E' flor e reptil esta terra—1—2.

E' movel e allumia esta cidade—2—2.

Este envolucro é verbo e villa—2—1.

E' espherica e nada boa esta ilha—2—1.

E' homem, rio e ilha—3—1.

SANS-SOUCI.

LOGOGRIPHOS

Quando ouvi o som d'um sino,—4—2—6—3—7—8—9
E a terra fui lavrar,—5—3—9—6
Encontrei um certo buzio—1—7—4—2
Que muito bem vi brilhar.—4—5—3—6—7—3

Se o meu caro leitor
O todo quizer saber,
Ha de entre as aves aquaticas
Uma d'ellas escolher.

CUSTODIO SILVA.

Conheci esta mulher—1—2—7—1
Por ter um lindo appellido—5—9—3—3—1
E' por tomar aqui banho - 3—8—7—1
Juntamente com o marido.—1—7—3—6—2—4—9

O conceito? P'r'o achares
Pouco trabalho terás:
Vae á chimica, procura,
E um metal encontrarás.

Braga. S. J. FERNANDES.

EM ACROSTICO

Profundo, enorme,—1—8—3
No altar 'stou.—5—3—2
Usam-me os vates,—3—7—1—8
Peccado sou.—4—3—2
Canção alegre,—8—3—4—2
Na Italia s'tou.—6—2—3—1—8
Altero os animos—7—3—8
E golpes dou.—2—3—1—5

'stás, senhora, collocada
Em posição elevada.

Rio de Janeiro. SOUSA LAMBIDA.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é instrumento, peixe e flor?

Machico. João Victorino de Freitas.

ADIVINHAS POPULARES

Nós nascemos femea e macho
Com cautella e estimação,
Porém eu nasci primeiro
Que nascesse meu irmão;

Curado dos meus achaques,
Adquiro fama enorme,
Mas tenho um inimigo
Que me persegue e consome

Meu irmão quando mais novo
Mais seus amigos conforta,
Nossa mãe sem este filho
Esmorece e fica morta.

Tenho uma vida de escrava,
Com captiveiro tão mau,
Que, sem eu fazer delicto,
Me mandam correr a pau.

Pelos tratos que me dão
Nunca velha chego a ser;
Meu senhor se alegra muito
De ver meu sangue correr.

Acabo martyrisada,
Mas, em boa opinião,
Meu sangue é util ás vezes,
Tem muita veneração.

PROBLEMA

Um numero de 6 algarismos, dos quaes o primeiro é 1, torna-se 3 vezes maior, quando se desloca aquelle algarismo da esquerda para a direita. Qual é o numero?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.—Pomar—Golpelha——Marcavalla—Catarata—Metaphisica—Canario—Ardor—Isis—Decemviro—Patacão—*(Meimoa—Mofreita—Ataens)*.
Do logogripho:—Manucodiata.
Do enigma:—Caracará.

Do problema:—Os numeros são 1 e $\frac{1}{2}$.

A RIR

N'um *restaurant*:
O freguez:—Rapaz! Leva-me d'aqui estes ovos, que estão podres!
O creado, (sorrindo):—Foi por engano, senhor. Estavam reservados para as *omelettes*..

*

No gremio:
—Venho encantado do Rio de Janeiro!
—Sim? Porque?
—Porque é uma terra de muitas cores. Lá, os creados são *negros*, os vomitos são *negros*, e a febre é *amarella*!

*

Um philantropo encontra todos os dias um pobre, que lhe diz sempre, quando lhe pede esmola:
—Pelo amor de Deus, meu senhor! Ainda hoje não comi nada!
Enfastiado pela mesma cantilena, responde um dia ao mendigo:
—Todos os dias me declara que ainda não comeu. Isso é uma impostura!
—Não, senhor! E' que eu não vou comer em dia algum, antes de acabar o peditorio.

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

Aconselhamos aos fumadores de cachimbo, que só façam uso dos que tiverem tubos bastante compridos. A acção prejudicial da nicotina é em parte conjurada quando o fumo chega frio á bocca.

Os cachimbos de tubo curto fazem com que o fumo se receba quente, acre, carregado de principios nocivos á saude, que irritam os labios e as gengivas, enegrecem os dentes, e produzem ás vezes uma enfermidade cruel e dolorosa, conhecida pelo nome de *cancro dos fumadores*.

O ANTIGO CIRCO PRICE

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Em vão procurariam hoje o local aonde elle existiu por bastantes annos, delicia immorredoura e inolvidavel do nosso povo, que ali acorria a passar as mais festejadas noites do anno.

O Circo Price ficava situado do lado esquerdo da calçada do Salitre, defronte do velho theatro das Variedades.

Era mais amplo que o actual Colyseo dos Recreios, e a sua enorme cupula assentava sobre grossas vigas de madeira, que resistiram a todo o tempo e maus tratos que lhes deram.

Foi seu emprezario, durante longos annos, o já fallecido Thomaz Price, inglez genuino, de suissa ruiva, face oleosa estalando sangue, bocca larga de labios delgados, careca brilhante e perfeita no genero, hombros largos, e ventre enorme, crescido mercê da ingestão de centenares de barris de cerveja.

N'aquella época o publico adorava as *ecuyères*.

O espectaculo compunha-se quasi todo de trabalhos sobre cavallos, saltos de bandeiras, arcos e fitas, e intermedios comicos pelos tres clowns Whyttoine, Secchi e Alfano.

Esta trindade de calças largas sarapintadas, e chinellas vermelhas, conquistou a toda essa geração moderna que por ahi assesta o monoculo petulante nas mulheres, e discute Sardou e Richepin, as suas mais francas e sinceras gargalhadas.

Póde-se dizer que os melhores sorrisos da mocidade de hoje foram para elles. O valor da companhia aquilatava-se pelo numero de cavallos que a mesma trazia.

Era parte obrigada do espectador visitar as cavallariças no intervallo do espectaculo.

Price conhecia a fundo o gosto do publico, e embora trouxesse maus artistas, jamais seria capaz de trazer maus cavallos.

Faça-se-lhe porém a justiça de dizer, que foi elle quem nos apresentou Blondin, o rei dos funambulos, o homem elastico, o Leotard, e a Monfroid, artistas de indiscutivel merito, que ainda não foram excedidos.

Aquella casa de espectaculo não tinha publico certo. Lisboa em peso reunia-se ali, sem distincção de classe, avida de applaudir os artistas e admirar os cavallos!

No Circo existia porém uma individualidade unica, especial, *sui generis*, que todos conheciam, applaudiam, estimavam e respeitavam—o velho Whyttoine, esse clown que chegou até nossos dias como um symbolo de bondade, trabalho e honradez, e como uma mimosa recordação da nossa descuidada infancia.

Whyttoine era a nota alegre do Circo Price. Perante a sua veia comica abatiam-se humilhadas as mais austeras gravidades e sorumbaticos caracteres.

A scena da *pipa* e o *morto e o vivo* não tornaram a ter outro interprete que melhor as desempenhasse.

O Circo Price fazia uma enorme differença do actual Colyseo.

Os que hoje criticam a ruidosa expansão da geral do Colyseo, de certo ignoram ou esqueceram o que era a geral do Circo.

O assobio silvava estridente, berrava-se, cantava-se, comiam-se laranjas, e as garrafas de gazoza corriam de mão em mão.

Alguns espectadores, vergando ao peso do torreano, adormeciam beatificamente, estendidos na trincheira como se estivessem na sua casa.

Durante quatro horas gemia no palco uma charanga impossivel, desafinada e somnolenta, capaz de acordar os mortos.

A animação era sempre extraordinaria, e quando se sahia era considerado feliz o que não trazia o fato rasgado e umas dores de cabeça, e escapava de ser atropellado na rua do Salitre.

Tudo aquillo era immundo, brutal, deselegante, sem gosto nem arte, mas o publico não lhe encontrava um só defeito. O Circo era a consolação suprema de todos os seus desgostos.

Assim como a Trindade teve em tempo *habitués* pontualissimos, sinceros e convictos admiradores da pantalona de escocia, e da gambia de osso, o antigo Circo Price possuiu um publico seu de todas as noites, que não faltava uma só, durante os seis mezes que a companhia trabalhava.

Não era publico borlista, *claqueur*, mas sim publico pagante, que todas as noites gastava dois tostões para applaudir o Whyttoine e as gentis amazonas, que tentavam o honesto burguez com a brancura dos seus hombros nús, e a musculatura firme e rija d'umas pernas e braços athleticos e sensuaes, especie de castas e voluptuosas Dianas fugindo aos olhares babosos d'aquelles Narcisos sexagenarios.

Price e a sua companhia constituiam uma familia enorme, que Lisboa acatava respeitosamente. A companhia tinha fama de honesta, e quasi todos os artistas de ambos os sexos eram casados.

Muitos d'elles vieram celebrar a Lisboa os seus esponsaes.

A's vezes rosnava-se muito em segredo, umas aventuras douradas, e citavam-se os nomes terriveis dos marquezes de Niza e Castello Melhor, acompanhados de um côro de libras ou circumdados pelos reflexos d'uma cruz de finissimos brilhantes.

Isto dizia-se, mas não se duvidava nem se acreditava. Era o eterno «diz-se».

Os artistas eram todos muito amigos e unidos. Durante o anno havia no Circo duas noites de verdadeiro regosijo, duas noites memoraveis, que deixavam sempre funda impressão no espirito do publico: as noites de Natal e de terça-feira gorda.

Na primeira assistiam quasi sempre ao espectaculo para mais de duzentos marujos inglezes, da esquadra do Canal, que por

UM HORROR!

aquella época do anno vinha sempre estacionar alguns dias no nosso porto.

N'essa noite memoravel na historia da religião catholica e nas funcções do Circo, a geral tomava as proporções medonhas d'uma tempestade nas Antilhas ou no golpho de Byscaia.

A marujada, quando entrava no Circo, vinha já no mais lastimavel estado de embriaguez. Os totalmente bebados amparavam-se aos que apenas tinham algumas demãos de verniz, e estes, por seu turno, encostavam-se aos pacificos espectadores que os temiam. A maioria era arrastada por uma cohorte infame de mulheres de má vida, de tufadas saias de chita, botas afiambradas de polimento e canhão alto, *cache-nez* na cabeça e alguns respeitaveis decilitros no estomago.

Aquella sucia indisciplinada e brutal, cheia de vinho e lubricidade, sempre beberricando e cantando em alta voz o *god save the queen*, fallava em berreiro prodigioso d'um para o outro extremo do circo, atroando os ares com as suas vozes roucas e possantes.

A garotada acompanhava a assobio e pateada o infernal chinfrim dos inglezes.

Principiava o espectaculo, e um quarto de hora depois, d'uma trincheira da geral elevava-se um borburinho enorme, os espectadores punham-se de pé, os musicos afastavam a vista da solfa, dando dós por fás e vice-versa, alguns soldados da municipal subiam rapidos as trincheiras, e ao nivel de todo aquelle cahos de mulheres que gritavam, homens que protestavam e creanças que choravam, viam-se dois punhos fortes e vermelhos distribuindo soccos monumentaes, capazes de levarem ao zero o ponteiro do mais valente dynamometro.

A policia acudia e os inglezes tambem.

Um espectador era levado para o botequim, com o nariz esmurrado e a cara tinta de sangue. Dois municipaes tinham as fardetas rasgadas, a corrente do apito perdida, o cinturão rebentado e algumas nodoas negras no rosto.

Dez homens conseguiam, no fim de meia hora de trabalho e esforços sobrehumanos, levar para fóra do Circo o herculeo marujo, que praguejava como um diabo, e dava urros como um touro, ao passo que o sangue parecia querer rebentar-lhe por todos os poros.

O publico anemico e franzino, contemplava com certo respeito e admiração a força d'aquelle homem, que com um murro teria derrubado um boi.

Uma nota:

Na ultima trincheira, insensivel a toda esta scena que tinha produzido um ruido atroador, um cabo artilheiro dormia lubricamente o somno dos borrachos, com a cabeça deitada nos joelhos d'uma mulher pallida e desgrenhada.

O espectaculo seguia a sua marcha, não sem que mais algumas scenas de pugilato o interrompessem de vez em quando.

Pelo carnaval havia mais socego e mais alegria.

Nas trincheiras viam-se muitas mascaras capazes de despertar o riso a um cardeal.

Alguns moços de padeiro, e carvoeiros vestidos de mulher, com a caraça levantada, fumavam o seu cigarro, e agitavam o ar com um reles abano de cosinha. Os *clowns* faziam scenas incriveis, apresentavam-se em fralda, excediam innocentemente os limites da decencia.

O publico sahia satisfeito, e o velho Price tomava o seu vigesimo *bock*.

Annos passaram, o enthusiasmo do publico esfriou, Whyttoine fez-se por seu turno emprezario, Secchi e Alfano desappareceram da scena, o Price morreu, edificou-se o theatro e circo dos Recreios, deu-se a primeira enchadada para a construcção da Avenida, e o Circo Price ou para melhor dizer os *Cavallinhos*, nome porque o povo conhecia aquella casa de espectaculo, desappareceu n'um abrir e fechar de olhos, e de fórma que hoje não conhecemos bem o local aonde elle existiu.

O Circo era uma velharia á qual se ligavam muitas noites de festa e ruidosa expansão do nosso povo. Como todas as cousas, teve a sua época e os seus admiradores.

Hoje, a companhia do Price despertaria, com certeza, uma pateada medonha.

Do Circo resta apenas, como recordação sempre viva na memoria de todos o velho Whyttoine, que tem em Lisboa uma popularidade e uma roda de amigos, como nenhum outro *clown* tornará a ter.

Quando, uma vez por anno, na noite do seu beneficio, Whyttoine reapparece no Colyseo, vestido com o seu antigo traje, traje que o celebrisou e lhe deu alguns meios, o publico sente-se electrisado, e a ovação rebenta expontanea e delirante, batendo palmas a mão mais aristocratica e delicada, assim como a mais plebea e rude. E' que á memoria de todos surgem por um momento, em kaleidoscopica vertigem, os tempos em que o velho artista nos fazia rir muito, muito, até ás lagrimas, e esses tempos, que já lá vão ha um bom numero de annos, eram os da nossa descuidada mocidade, que não volta mais.

Nunca mais!

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

[illegible]—Travessa da Queimada, 35, Lisboa